



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**SABERES DOCENTES: A TRAJETÓRIA DE UMA
PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Luciane de Souza Dornelles

Santa Maria, RS, Brasil

2008

SABERES DOCENTES: A TRAJETÓRIA DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Por

Luciane de Souza Dornelles

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação,
área Gestão Educacional, do Centro de Educação da Universidade
Federal de Santa Maria, como requisito parcial
para a obtenção do grau de
Especialista em Gestão Educacional.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ane Carine Meurer

Santa Maria, RS, Brasil

2008

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Especialização em Gestão Educacional**

A comissão examinadora, abaixo assinada, aprova
a Monografia de Especialização

**SABERES DOCENTES: A TRAJETÓRIA DE UMA
PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

elaborada por

Luciane de Souza Dornelles

como requisito parcial para a obtenção do grau de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profª Drª Ane Carine Meurer (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Prof Dr Clóvis Renan Jacques Guterres (UFSM)

Profª Drª Fabiane Adela Toneto Costas (UFSM)

Prof Ms. Vantoir Roberto Brancher (UFSM)

Santa Maria, janeiro de 2008.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à Deus, pela bênção da atual existência, e pelas inúmeras oportunidades que me ofertou de crescimento e aprendizado.

A meus pais, por toda a dedicação desde a infância até os dias atuais, pelo incentivo de terem acreditado em mim, e por terem sido o suporte material e espiritual em todos os instantes.

A minha amada avó, que já não se encontra fisicamente entre nós, por todo seu carinho, e palavras de motivação.

Aos meus queridos irmãos, que se encontram distantes, mas ao mesmo tempo muito próximos e que fizeram parte de grande parte da minha trajetória, marcando minha infância e minha adolescência.

Aos meus amigos, colegas de Universidade pelas trocas, conversas e debates em torno da Educação, em especial a Daniela que me acompanhou desde a época da Graduação, e a Noemi que sempre se fez presente nos momentos de reflexões.

Aos queridos professores, que contribuíram para que este momento se concretizasse.

A orientadora, que dedicou muitas horas do seu tempo a me orientar e que teve a sensibilidade de perceber em minhas palavras, onde queria chegar, e me auxiliou a encontrar o caminho que deveria ser percorrido para que este trabalho se concretizasse.

RESUMO

Monografia de Especialização
Programa de Pós Graduação em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

SABERES DOCENTES: A TRAJETÓRIA DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Autora: LUCIANE DE SOUZA DORNELLES
Orientadora: ANE CARINE MEURER
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 22 de fevereiro de 2008.

Esta monografia intitulada “Saberes Docentes: A Trajetória de uma Professora de Educação Infantil” está vinculada a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), ao curso de Especialização em Gestão Educacional na linha de pesquisa Gestão da Organização Escolar. O trabalho ora apresentado configura-se em uma retomada do percurso vivido desde o ensino fundamental até a Universidade, entrelaçado por situações consideradas relevantes na escolha profissional. Essa reflexão perpassa experiências vivenciadas no Ensino Fundamental, Médio e na Universidade (curso de Pedagogia e Especialização) em momentos decisivos na construção da profissionalidade da autora. Salienta-se dois momentos importantes na sua autoformação: primeiramente como bolsista do PROLICEN – Programa de Licenciaturas, no “Projeto Integrado de Trabalho com Professores e Alunos das Escolas Itinerantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; e no Projeto Alternativo de Educação Infantil, situado em uma região periférica do Município de Santa Maria. Os objetivos que impulsionaram a autora no decorrer dos anos de desenvolvimento deste trabalho relacionam-se a: refletir sobre os saberes docentes frente as experiências realizadas nos espaços-tempos diferenciados; repensar como a trajetória de vida repercute na prática docente; visualizar como se desenvolve o processo de Gestão Democrática no Projeto Alternativo de Educação Infantil. Acreditando que as experiências vividas desde o período inicial do processo educacional estão presentes na vida do professor e, compreendendo que a prática rememorativa possibilita a interação entre o passado e o presente, elegeu-se o Método Biográfico Histórias de Vida – autobiográfico por considerá-lo mais apropriado para o trabalho com a memória. Procurou-se estabelecer uma relação dessa prática com os autores abordados no marco teórico. Compreendeu-se que todo o processo de formação repercute na prática pedagógica de um professor, no entanto, a Universidade é um espaço-tempo importante para contribuir com essa retomada e propor experiências que se comprometam com a transformação social. Nesta proposta de memorização foi possível repensar, reapropriar-se desta caminhada, capaz de transformar a prática docente em um processo reflexivo e consciente.

Palavras-chave: Educação. Saberes Docentes. Autoformação. Transformação

ABSTRACT

TEACHING KNOWLEDGE: THE TRAJECTORY OF A CHILDREN EDUCATION TEACHER

Author: LUCIANE DE SOUZA DORNELLES

Advisor: ANE CARINE MEURER

Place and Date: Santa Maria, February 22nd, 2008.

This paper entitled "Teaching Knowledge: The Trajectory of a Children Education Teacher" is linked to the *Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)*, to the Specialization Course in Educational Management at the survey line Management of Educational Organization. The presented work is a retrospect of the lived route since the Elementary School until the University, interlinked by situations considered relevant at the professional choice. This reflection passes lived experiences in Elementary School, High School and at the University (Pedagogy and Specialization course) in decisive moments at the construction of the author's profession. Two important moments are highlighted at her self-education: firstly as a scholar at PROLICEN – Undergraduate Course Program, at the "Integrated Project of Working with Teachers and Students from Itinerant Schools from the Landless Rural Workers Movement" and at the "Alternative Project of Children Education", situated in an outskirts in the Municipality of Santa Maria. The objectives that have boosted the author during the years of development of this work are related to: reflecting about teaching knowledge in relation to the carried out experiences in the differentiated spaces-time; rethinking how the life's trajectory reverberates in teaching practice; visualizing how the Democratic Management process develops itself in the Alternative Project of Children Education. Believing that the lived experiences since the initial period of the educational process are present in the teacher's life and, understanding that the remember practice gives the possibility of interaction between past and present, it was chosen the Biographical Method of Life Histories – autobiographical by considering more appropriate to work with memory. It was tried to establish a relation of this practice with the approached authors at the theoretical landmark. It was understood that the whole process of education reverberates at the pedagogical practice of a teacher; however, the University is an important space-time to contribute with this resumption and to propose experiences that promise to social transformation. In this proposal of remembering it was possible to rethink, to retake this way, being able to transform the teaching practice in an aware and reflective process.

Key words: Education. Teaching knowledge. Self-education. Transformation

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 CAPÍTULO 1	11
SABERES DOCENTES	11
3 CAPÍTULO 2	16
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E CONCEITOS SOBRE GESTÃO	16
4 CAPÍTULO 3	19
CAMINHOS PERCORRIDOS NA ESCOLHA PROFISSIONAL	19
5 CAPÍTULO 4	27
SABERES DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL – ESPAÇO ACADÊMICO	27
6 CAPÍTULO 5	36
SABERES DA EXPERIÊNCIA: ESPAÇO DO PROJETO ALTERNATIVO DE EDUCAÇÃO INFANTIL	36
5.2 A Gestão Escolar articulação teoria prática no Projeto Alternativo de Educação Infantil .	39
5.2.1 Definição dos fatores de risco.....	43
5.3 Questões pedagógicas que envolvem a prática no Projeto Alternativo de Educação Infantil	44
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como objetivo apresentar o trabalho de conclusão do curso de especialização na linha de pesquisa em Gestão da Organização Escolar. Nesse sentido busco fazer uma reflexão em torno da minha caminhada e como isto se reflete em minha prática docente. Percebo o quanto a caminhada do educador reflete em sua trajetória de vida e o quanto esta o influencia na sua postura e em suas decisões em sala de aula.

O trabalho ora apresentado configura-se em uma retomada do percurso vivido desde o ensino fundamental até a universidade, entrelaçado por situações consideradas relevantes na escolha profissional. Essa reflexão perpassa experiências vivenciadas na Universidade em seus momentos mais decisivos na construção da identidade profissional e sua repercussão em minha prática como educadora de turmas de educação infantil. Saliento dois momentos importantes na minha formação: uma delas acadêmica e outra como Pedagoga formada atuando em um projeto alternativo de educação infantil. Ambas as experiências contribuíram na minha formação e, conseqüentemente, na busca de tornar-me uma educadora comprometida com a educação alternativa. Primeiramente como bolsista do PROLICEN - Programa de Licenciaturas, no “Projeto Integrado de Trabalho com professores e Alunos das Escolas Itinerantes do MST”. Essa experiência foi espaço-tempo de reflexão e debate a respeito da temática dos movimentos sociais e educação, principalmente relacionado à Escola Itinerante, no universo acadêmico. Nessa escola as atividades eram desenvolvidas dialeticamente a fim de (re)significar a teoria no contato com a prática, uma vez que a formação acadêmica formal não contemplava a realidade que a Escola Itinerante apresentava. Essa experiência influenciou na escolha de um espaço para o estágio curricular, o que fez com que eu buscasse uma escola que, de certa forma, pudesse vivenciar uma educação mais humanista, desenvolvendo as potencialidades dos alunos a partir da própria realidade.

A outra experiência que me reporto é a vivência dentro do Projeto Alternativo de Educação Infantil.

Uma das atividades desse projeto era com uma turma de educação infantil, situada em uma zona periférica da cidade. Essa comunidade era marcada pela realidade precária e pela situação de miserabilidade.

Além disso, neste trabalho, analiso a Gestão dentro da realidade projeto Alternativo de Educação Infantil, trazendo aspectos que precisariam estar contemplados na escola para que essa proposta fosse praticada de forma democrática. Acredita-se que a gestão entendida dentro dessa perspectiva contribuiria para formar cidadãos dignos, críticos, autônomos e que, através de uma participação democrática, tornem-se sujeitos capazes de compreender, interpretar o processo histórico vivenciado e buscar a transformação social através do exercício da cidadania.

Nesse contexto, durante os anos de pesquisa, preocupei-me em teorizar aspectos da minha prática refazendo minha trajetória de estudante por todos os níveis de ensino. Assim, procuro relacionar essa formação à prática do gestor em sala de aula.

Neste enfoque, portanto considero estes espaços tempos como de formação. Assim sendo eles marcaram minha trajetória como educadora que se forma e reforma como crítica e que busca contribuir na formação de alunos mais críticos e autônomos. Conforme afirma Freire (1999, p.23-28) “quem forma se forma e reforma ao formar-se e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”.

Sendo assim, os objetivos que me impulsionaram no decorrer dos anos de desenvolvimento deste trabalho relacionam-se a: refletir sobre os meus saberes docentes frente às experiências realizadas nos espaços-tempos diferenciados; repensar como minha trajetória de vida repercute na minha prática docente; visualizar como se desenvolve o processo de gestão democrática no Projeto Alternativo de Educação Infantil especialmente nas turmas de educação infantil.

Para conseguirmos desenvolver esses objetivos nos valem da pesquisa qualitativa. Essa teve como objetivo das presentes reflexões contribuir para a discussão de como a história de vida do educador pode influenciar na sua prática docente. Ainda, refletir a respeito da formação acadêmica, até que ponto esta instrumentaliza o profissional da educação para atuar em espaços alternativos. Este trabalho tem caráter reflexivo, derivado das inquietações da autora em relação a sua formação e as contribuições de suas experiências de vida na sua prática docente. Para alcançar tal objetivo utilizei-me do método Biográfico História de Vida, através de minha autobiografia. No intuito de rememorar os caminhos e imagens construídos nos espaços tempos por mim percorridos fiz relatos por escrito.

A história de vida é um instrumento de pesquisa que privilegia a coleta de informações contidas na vida pessoal de um ou vários informantes [...] A história de vida ou relato de vida pode ter a forma auto-biográfica, onde o autor relata suas percepções pessoais, os sentimentos íntimos que marcaram a sua experiência ou os acontecimentos vividos no contexto da sua trajetória de vida. (CHIZZOTTI,1998, p. 95)

Assim, esta monografia está dividida em cinco capítulos, são eles:

Primeiro capítulo: apresento os saberes docentes e como eles repercutem em nosso trabalho docente.

Segundo capítulo: relaciono algumas considerações e conceitos sobre gestão.

Terceiro capítulo: refiro-me a descrição da minha trajetória de vida. Procuro relacionar as vivências anteriores à entrada no espaço acadêmico e as suas contribuições para a escolha profissional.

Quarto capítulo: relaciono algumas experiências significativas que aconteceram no curso de pedagogia da UFSM, especialmente a participação no projeto da Escola Itinerante, anteriormente mencionado.

Quinto capítulo: trago questões relevantes vivenciadas no espaço-tempo do projeto Alternativo de Educação Infantil, onde articularei as minhas experiências com a gestão educacional.

Portanto, acredito que essa monografia é importante para os cursos de graduação e especialização, pois a realidade ora descrita foge as condições ideais retratadas através de algumas disciplinas do curso de Pedagogia e Gestão Educacional. Assim, podemos questionar-nos se a partir de situações idealizadas os educadores dos cursos conseguem levar-nos a refletir sobre essas realidades alternativas. Além disso, nos perguntamos se estamos instrumentalizados e se estamos capacitados a atuar de forma ampla observando o universo da criança nas diversas realidades apresentadas. Será que temos condições de considerar a realidade sócio-econômica e afetiva como um dos fatores que contribui no processo de ensino-aprendizagem, ou desconsideramos esses aspectos? Acredita-se que, muitas vezes, essa formação pode limitar a função do professor fazendo com que ele torne-se, na prática, mero transmissor de informações, deixando de fazer uma leitura de tudo o que passa no cotidiano dos sujeitos para entender as influências deste cotidiano.

2 CAPÍTULO 1

SABERES DOCENTES

Nesse capítulo estarei referindo-me aos saberes docentes, além de trazer momentos importantes de minha história de vida.

Muitas vezes via-me tanto no espaço da Escola Itinerante quanto no espaço do projeto Alternativo de Educação Infantil, tinha a nítida impressão de que minha vida fazia parte de uma mesma grande seqüência de acontecimentos. Além disso, parecia que esses espaços não eram mais que um capítulo na minha vida a compor o grande livro da minha existência. Uma trajetória marcada por muitos ambientes onde as necessidades de várias ordens sempre estiveram presentes, senti que não era por acaso, que além de meu livre-arbítrio o que me levava a estes ambientes era um grande compromisso de vida.

Nesses contextos fui levada a algumas reflexões, entre elas: como e quanto o universo infantil, por ser lúdico, confronta-se com o universo adulto e o quanto é difícil para a criança a compreensão de certas nuances da realidade do mundo dos adultos. Reporto-me às crianças que conheci nos acampamentos do MST e no ambiente do projeto Alternativo de Educação Infantil e percebo o quanto na minha infância esteve presente a possibilidade de desenvolver minhas potencialidade, pois tive acesso a tudo o que uma criança necessita e ainda pode sonhar, criar. Enquanto estas outras 'crianças' não se frustram apenas por uma fantasia que não se realizou, mas por questões mais graves como a falta de alimento suficiente para 'aliviar' a fome ou um local minimamente adequado para desenvolverem-se, ou seja, limpo e com condições de saneamento básico apropriado. Nesse sentido precisariam de um espaço-tempo adequado para desenvolverem-se física, psicológica e socialmente de forma saudável.

Refletir sobre isso neste momento é muito importante, pois a formação segundo Tardif:

[...] assemelha-se a um processo de socialização, no decurso dos quais os contextos familiares, escolares e profissionais constituem lugares de regulação de processo específico que se enredam uns aos outros, dando forma, pode-se dizer que uma parte importante da competência profissional dos professores tem raízes em sua história de vida [...].(TARDIF, 2002, p 69)

Tendo em vista a posição do autor, entendo que a constituição do profissional da área educacional circunscreve-se a partir de toda a sua formação. Sendo assim, entendo a formação como um processo de (re) apropriação de todos os acontecimentos vividos, pois esses estão diretamente relacionados ao profissional que somos. Sendo assim, é fundamental que um gestor, efetivamente estabeleça essas relações com a sua experiência para que a partir daí consiga reconstruir-se profissionalmente. Um dos aspectos que os autores nos trazem é a discussão dos saberes necessários para a reconstrução profissional.

Quanto aos saberes necessários a uma prática docente, e seu esforço de fazer um esboço do saber docente, os autores canadenses Tardif; Lessard ; Lahaye (1991) partem de uma definição dos saberes da educação como sendo o conjunto dos processos de formação e aprendizagem socialmente elaborados. Esses saberes referem-se a conjunto de fazeres que o professor deve dominar para o exercício comprometido de sua profissão. Em nossa prática muitos conceitos, se articulam, não há definição bem clara nem de onde se originam estes saberes. Os autores argumentam que esses saberes é que determinam nossos valores e refletem nossa postura enquanto educadores. Segundo Tardif (2002) podemos classificar quatro saberes, que aqui traremos buscando estabelecer uma relação com nossa prática dentro do projeto Alternativo.

Saberes da formação profissional referem-se a todas as teorias e doutrinas que orientam os passos do educador no espaço escolar, sob forma de metodologia e de técnica do saber-fazer, segundo Cancian (1997). O que sempre me orientou foi um saber que partia da própria realidade do aluno para a (re)construção do conhecimento, através da dialogicidade e de forma participativa. Nesse contexto considerava os saberes do aluno, ou seja, sua bagagem respeitando-a e considerando-a nos momentos de elaboração de projetos e seu planejamento. Acredito que Paulo Freire, Madalena Freire entre outros estiveram sempre presente no meu cotidiano.

Quanto aos saberes das disciplinas não se pode mensurar de forma objetiva a sua real competência, pois na Educação Infantil trabalha-se um universo de conhecimentos, esses conhecimentos é que nortearam meus passos, para buscar transformar o complexo em conteúdo ao alcance do educando na fase infantil de 0 (zero) aos 6 (seis) anos. Assim faz-se necessário articular o conhecimento da matemática, das ciências naturais entre outros, na sua dimensão e importância para

a Educação Infantil. Assim sendo é fundamental trabalhar conceitos dessas diferentes áreas, desenvolver estruturas já que esses são fundamentais para que novos conhecimentos sejam construídos. Para tanto, é necessário ter clareza destes conhecimentos nesta fase e a sua importância para a construção e posterior elaboração de conceitos mais complexos na continuidade de sua escolarização.

Os saberes curriculares se apresentam sob a forma de programas escolares através de objetivos, conteúdos e métodos. Esses acabam definindo um modelo de cultura, de educação que se quer como padrão para toda a sociedade. Esse processo inicia-se a ser elaborado e vivenciado pelo próprio Projeto Político Pedagógico da escola, que além de outras questões, irá refletir o Projeto Político Pedagógico do professor. Desta forma, sua proposta enquanto educador, seria uma proposta relacionada ao tipo de cidadão que se quer formar e para quem quer formar, essa definirá sua postura enquanto educador. Direcionando seus passos no espaço escolar.

Os saberes da experiência são os que emergem do cotidiano do professor e representam os hábitos e as habilidades do saber-fazer e de saber-ser, as concepções, as suas elaborações e as reflexões construídas na sua prática (Cancian,1997 p.38). Desta forma, sua caminhada no espaço escolar, é o que fundamenta sua competência, são estes saberes construídos anteriormente que lhe auxiliam nesse processo. Pode-se fazer um paralelo entre a sua formação anterior e a sua formação ao longo da carreira. O saber da Experiência é o que oferece ao professor a capacidade de articular a totalidade de sua prática, abrangendo, assim, todos os saberes anteriores.

Essa dimensão [a do saber da experiência] confere ao ofício docente o estatuto de prática intelectual que se articula, simultaneamente, a vários saberes: os saberes sociais transformados em saberes escolares através dos saberes das disciplinas e dos saberes curriculares, os saberes oriundos das ciências da educação, os saberes pedagógicos e os saberes da prática,. Em suma, o professor padrão é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, que deve possuir certos conhecimentos das ciências da educação e da pedagogia, sem deixar de desenvolver um saber prático fundado em sua experiência cotidiana com os alunos (TARDIF, LESSARD, LAHAYE, 1991, p.221)

Nas primeiras vezes em que me deparei com a realidade do Projeto Sem Teto, perguntei-me: qual o papel da educação nestes contextos? Como reacender sonhos e elevar a auto-estima destas crianças se lhes falta o necessário?

Uma gestão escolar democrática busca promover um processo diferenciado de educação constituindo-se um desafio aos educadores, desta forma, como afirma Adans (1996, p.34) “buscam contribuir enfim para construir uma sociedade economicamente justa, socialmente solidária, politicamente democrática e culturalmente plural”. Desta forma, refletindo sobre de que modo os gestores da escola no espaço do projeto Alternativo de Educação Infantil poderiam contribuir para que ocorram a reconstrução do conhecimento?

A ação pedagógica acontece em todos os momentos do cotidiano da escola desde as atividades, alimentação, recreação, higiene, pois nestes momentos convivem os gestores de sala e os gestores da escola. Todos devem ter participação como agentes ativos e colaboradores na ação educativa, contribuindo para que haja a reconstrução de saberes nas suas interações com seus alunos. A utilização do termo reconstrução de conhecimentos é abordada por Demo (2002), que fala sobre o compromisso da educação com a reconstrução e não com a cópia, transmissão ou simplesmente reprodução dos saberes sem possibilitar às crianças a reflexão e consciência sobre a realidade. Superando essa perspectiva pretende-se que a educação infantil reconstrua os conhecimentos já existentes no seu cotidiano, sua vivência própria desde o berço, ampliando-a.

Perceber até que ponto o universo acadêmico oferece condições, preparando os futuros agentes da educação, para que em suas práticas possam contribuir para tornar a escola um espaço democrático, onde o cuidar e o educar, na educação infantil estejam presentes no processo educativo. Que a escola ofereça as crianças condições mínimas básicas para um desenvolvimento saudável e um educar que fomente a formação de um cidadão mais ético e mais humano, e assim, conseqüentemente, mais justo, formando cidadãos capazes de participar no processo da transformação social.

Os gestores deverão participar do processo de reconstrução do projeto político-pedagógico colocando-o em prática. Nesse processo articulam-se teoria e prática e promove-se a participação de todos de forma democrática. Os gestores poderão participar como agentes ativos e colaboradores na ação educativa, a partir do momento que em seus espaços educativos busquem promover, através das reuniões pedagógicas, debates em torno das dificuldades encontradas pelos professores. Diante dessas dificuldades procurar coletivamente contribuir para que elas sejam superadas, no sentido de promover dentro do espaço escolar um

ambiente amplamente pedagógico, onde todos possam interagir, acrescentar uns com os outros, tornando este espaço um contínuo local de desenvolvimento.

3 CAPÍTULO 2

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E CONCEITOS SOBRE GESTÃO

Podemos destacar na atualidade duas funções fundamentais que a escola desempenha são eles: formação humana e preparação para o exercício profissional. Para isso, a forma como a gestão da escola será desempenhada, irá interferir tanto positiva quanto negativamente naqueles que passarem com ela, ou seja, como a administração da educação vai influenciar na vida futura de todos os alunos da escola.

Depreende-se daí, que de uma boa ou má administração da educação dependerá a vida futura de todos que pela escola passarem. Uma boa ou má gestão educacional exercerá uma influência relevante sobre a possibilidade de acesso às oportunidades sociais da vida em sociedade, pois a organização da escola e sua gestão revela seu caráter excludente ou includente. A administração da educação, diante destas questões indubitáveis, defronta-se com a responsabilidade de avançar na construção de seu estatuto teórico/prático a fim de garantir que a escola cumpra sua função social e seu papel político institucional. (FERREIRA, 2001, p.296)

Ressignificar o papel da escola torna-se a prioridade na sociedade atual, e essa possibilidade pode ser concretizada através da gestão democrática nas escolas. De acordo com Ferreira,

A gestão democrática, participação dos profissionais e da comunidade escolar, elaboração do projeto político pedagógico da escola, autonomia pedagógica e administrativa são, portanto, os elementos fundamentais na construção da gestão da escola.(FERREIRA, 2001, p.306)

A Gestão só será democrática enquanto construção coletiva da organização da educação, ou seja, quando houver a participação efetiva de todos os segmentos ligados ao espaço escolar direta ou indiretamente. Habermas (1975 apud GUTTIERREZ; CATANI) definia participação como forma de encaminhar o debate num sentido promissor e original. Para ele: "*participar significa que todos podem contribuir, com igualdade de oportunidades, nos processos de formação discursiva da vontade*".

[...] ser um processo, de aprendizado e de luta, política que não se circunscreve aos limites da prática educativa, mas vislumbra, nas especialidades dessa prática social e de sua relativa autonomia, a possibilidade de criação de canais de efetiva participação e de

aprendizado do "jogo" democrático e, conseqüentemente, do repensar das estruturas de poder autoritário que permeiam as relações sociais e, no seio dessas, as práticas educativas.(FERREIRA, 2001, p.159)

Neste momento, Ferreira destaca o papel da escola como uma das instituições responsáveis pela formação do ser humano. Salieta desta forma, o caráter "formador de cidadania" que o exercício da gestão democrática possui porque, ao possibilitar a efetiva participação de todos - participação cidadã, na construção e gestão do projeto de trabalho que, na escola, vai formar seres humanos. Possibilita, também a auto formação de todos os envolvidos pela e para a 'leitura', interpretação, debate e posicionamentos que podem fornecer subsídios para novas políticas, repensando, no exercício da prática profissional, as estruturas de poder autoritário que ainda existem na ampla sociedade e, conseqüentemente, no âmbito educacional e escolar. Uma escola que tem como projeto político-pedagógico formar um cidadão capaz de tomar decisões e escolher seu próprio destino precisa vivenciar este processo democrático dentro do espaço educativo, já na infância.

Neste sentido a escola deve apropriar-se de seu papel de exercer a função social no sentido de contribuir na formação do cidadão crítico, sensível, consciente, criativo e que tenha capacidade de adaptar-se às diversas situações e interagir com elas.

A educação deve mostrar e ilustrar o destino multifacetado do humana: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. (MORIN, 2000 p.61)

Assim, a educação deve dedicar-se ao exame e o estudo da complexidade humana que conduzirá à tomada de conhecimento e de consciência da condição comum a todos os humanos e da muito rica e necessária diversidade dos indivíduos, dos povos, das culturas. Para que essas diversas culturas sejam conhecidas pressupõem-se a explicitação da historicidade dos envolvidos no processo que poderá levá-los a compreenderem-se como cidadãos.

Porém, alguns programas sociais ainda possuem características meramente assistencialistas, compreendendo a pobreza como simples carência material sem realizar uma reflexão mais profunda sobre o assunto. Demo (2002) chama a atenção para as manifestações solidárias destinadas aos 'excluídos' que muitas vezes

podem ser apenas manobras de domesticação, ligadas ao auto-interesse, escondendo efeitos de poder, tornando os excluídos solidários e compreensivos com os agentes da exclusão. (JOBIM 2007, 16)

Ao falar sobre cidadania, este autor diz que "o maior problema das populações pobres não é propriamente a fome, mas a falta de cidadania que os impede de se tornarem sujeitos da história própria, inclusive de ver que a fome é imposta (DEMO, 1998, p.5)

Formar cidadão é muito mais que proporcionar ao indivíduo sua sobrevivência física ou a superação da pobreza material, e sim proporcionar-lhe o direito à vida no seu sentido pleno, o acesso a todas as formas de pensamento, de arte, tecnologia e de conhecimentos. No entanto, o que as políticas sociais vêm fazendo é acomodar a pobreza, gerando uma população dependente de benefícios mínimos. Ainda, segundo este autor, a solidariedade ideal deve ser a da partilha do conhecimento e não a de bens materiais, aquela que permite a todos os cidadãos, e não somente à elite, intervir em todas as estruturas sociais. E econômicas, proporcionando-lhes o direito de emancipação e de ocupar um lugar no mundo com dignidade sem causar-lhes perda de identidade. Para que essa partilha de conhecimento aconteça, para que a intervenção de todo e qualquer cidadão na sociedade seja possível, precisamos repensá-la verificando os tipos de relações que nela predominam e quais as mudanças que se fazem necessárias para que a cidadania seja garantida a todos.

O universo da escola é particularmente complexo e específico; o diálogo só pode ser verdadeiro e frutífero a partir de um esforço de aproximação onde todos tentem perceber e conhecer o outro em seu próprio contexto e a partir da sua própria história constitutiva.

4 CAPÍTULO 3

CAMINHOS PERCORRIDOS NA ESCOLHA PROFISSIONAL

Neste capítulo estarei me referindo a minha formação escolar fundamental e média, além do curso superior em economia, inconcluso. Além disso, remeto-me à experiências em espaços formativos alternativos.

Reporto-me aos meus primeiros anos de adolescência em 1987, com 18 anos na cidade de Goiânia tive a oportunidade de ter acesso realidades de movimentos sociais que visavam contribuir com a parcela da população materialmente menos favorecida. Nestes movimentos, tive a oportunidade de participar de projetos junto à comunidades de sem-teto, em locais periféricos da cidade, distribuindo alimentos às famílias e atuando com educação moral cristã às crianças. Tínhamos o propósito de sanar o mínimo do que necessitavam tais famílias, partilhando com elas recursos recolhidos através de campanhas dentre outras formas de arrecadação.

As aulas aconteciam nas ruas. Assim sentávamos no chão e desenvolvíamos atividades que eram planejadas com material didático que preparávamos, adequado à realidade. O conteúdo das aulas abarcava desde a relação destas crianças com a natureza, com elas mesmas e com as suas próprias comunidades. Buscávamos desenvolver valores de auto-respeito e respeito ao que lhes rodeavam. Havia momentos de recreação onde a musica estava presente, além de jogos e brincadeiras de roda. As letras das músicas reportavam ao respeito à vida e a si, compunham-se por letras com temas simples, mas profundas, que traziam ensinamentos. Havia companheiros nossos que nos acompanhavam com violões e isto dava um colorido muito especial as canções.

Essas vivências estão muito presentes na minha prática, revelando minha identidade profissional. Assim recorro a Tardif que ao fazer referência aos saberes cotidianamente usados pelos professores afirma:

A finalidade de uma epistemologia da prática profissional é revelar esses saberes, compreendendo como são integrados concretamente nas tarefas dos profissionais e como estes os incorporam, produzem, utilizam, aplicam as suas atividades de trabalho. Ela também visa compreender a natureza desses saberes, assim como o papel que desempenha tanto no processo de trabalho docente quanto em relação à identidade profissional dos professores. (TARDIF, 2002, p.256)

Outro episódio ao qual me reporto é a fala de um expositor, de um evento em que participei na cidade de Brasília, em 1987, na UNB, em um seminário que lembrava a morte de um ex-ativista da época da ditadura em nosso país. A sua fala ficou em minha memória muito tempo, ainda trago na alma suas palavras, ele enfatizava o papel das Universidades Públicas, o compromisso de seus acadêmicos e futuros profissionais junto à parcela menos favorecida da sociedade, aos que não tem acesso aos bens de consumo e direito a uma vida digna. Como nos afirma (SANTOS, 1996)

[...] uma outra teoria da historia que desenvolva no passado a sua capacidade de revelação, um passado que se reanime na nossa direção pela imagem desestabilizadora que nos fornece o conflito e o sofrimento humano. Será através dessas imagens que será possível recuperar a nossa capacidade de espanto e de indignação e de, através dela recuperar o nosso inconformismo e a nossa rebeldia. (SANTOS, 1996, p17)

Resgatando estas vivências neste relato, percebo que o inconformismo e a indignação são o que impulsionam nossos passos na retomada de um posicionamento mais comprometido junto a estas “outras” realidades. Minha história sempre foi de alguma forma marcada pela participação em movimentos sociais. Em 1986, quando tive meu primeiro contato com uma instituição de ensino superior, a Universidade Católica de Goiás. Nessa instituição, em 1987, nós estudantes participávamos de mobilizações que visavam a negociação das parcelas das mensalidades, que na época eram consideradas abusivas, íamos para as ruas, organizávamos passeatas e boicotes ao pagamento, buscávamos negociar junto a reitoria, que apesar de usar o discurso de que a Universidade era uma entidade sem fins lucrativos, resistia à negociação.

Nesse período participei de aulas com professores comprometidos com causas humanistas e sociais, de discussões, onde muitas idéias começavam a ser aclaradas nos meus conceitos de vida social e de bem coletivo. O curso era Economia, discutíamos muitos questões políticas, o país passava por um momento de profunda transição econômica, o momento denominava-se de abertura política (saíamos de um período de muitos anos de governos militares, após anos de ditadura), porém algumas de nossas atitudes ainda eram mal vistas por algumas pessoas que mantinham resquícios das forças mantedoras da ordem. Quando íamos às ruas, para as manifestações, éramos acompanhados de longe pelos olhos

vigilantes dos policiais militares.

A memória individual dialoga com o coletivo e redimensiona a realidade passada. As lembranças apóiam-se em fatos, acontecimentos históricos, e ao mesmo tempo ampliam e informam aspectos da história social brasileira. Descrevem, detalham, precisam e explicitam os cenários poucos iluminados pelos grandes refletores históricos. (LACERDA, 2000, p.90)

Na sala de aula, na disciplina de Filosofia entrávamos em contato com histórias de grandes pensadores e filósofos que na Idade Média contribuíram para o crescimento da humanidade e que eram levados à morte defendendo suas idéias e seus ideais. Através de vídeos conhecíamos muitos filósofos. Um que nunca saiu de minha memória foi Giordano Bruno. Ele me encantou com seus pensamentos, mas principalmente porque lutou para defender o que acreditava, mantendo-se fiel a seus ideais até o fim o que o levou a morte. Foi quando percebi que existem causas que são maiores ou tão importantes que a própria vida e que valem a pena serem defendidas para serem preservadas. Que a vida só tem valor se tiver um ideal, e mesmo que venhamos a viver 20, 30 ou 50 anos, só vai valer se o que guiou nossos passos foram valores nobres e que de alguma forma contribuíram para a melhoria de qualidade da nossa vida e dos outros.

Assim, não basta estar vivo, o importante é viver de forma consciente e em nome de alguma causa, podendo contribuir com a nossa parcela, com o nosso “tijolinho” para o bem da coletividade.

Para ilustrar meu pensamento remeto-me a parábola do Beija-flor, que em meio ao grande incêndio na floresta, independente do que os outros animais pensassem, dissessem ou fizessem, deu sua contribuição colocando uma pequena gota de água, recolhia com o bico do oceano, para que o fogo pudesse ser controlado, enquanto que os outros animais corriam e fugiam.

Acredito que seja desta forma que as coisas deveriam acontecer, cada um fazendo a sua parte, colaborando com a sua parcela, para a melhoria das coisas a nossa volta, mesmo que estas se apresentem como um caos.

Quando me reporto a minha infância e retorno aos meus primeiros anos de vida escolar, lembro-me das condições que se apresentavam, pois tive pais que me proporcionaram condições muito favoráveis e ambientes saudáveis para me desenvolver integralmente. Tive boas escolas, sob ponto de vista pedagógico, metodológico e de espaço material, e boas condições para um desenvolvimento

saudável. Assim sendo, analiso como educadora as crianças nos mais diversos aspectos, principalmente os menos favorecidos e me sinto credora junto a estas outras crianças, no sentido de retribuir muitos benefícios que recebi.

Ainda, ao relatar sua trajetória de vida, o indivíduo expõe a memória do passado sob influência do presente. Portanto, trabalhamos não com o vivido, mas com a representação deste, pois, como diz Félix (2002,p.23), 'o passado enquanto tal não volta'. Isto faz com que exista uma movimentação dos significados atribuídos aos fatos lembrados, já que os significados podem se alterar de acordo com o momento em que estão sendo revisitados na memória. Lembrar é 'olhar com os olhos do presente os fatos passados', é 'desafiar-nos' a trazer à consciência o vivido. Inclusive os acontecimentos silenciados e adormecidos por serem geradores de sentimentos desconfortantes, que podem ter sua origem no não ajustamento às normas usuais ou às identidades da pessoa. Assim, lembrar implica contar e omitir (intencionalmente ou não) episódios. Então, rememorar é se expor enquanto sujeito social, que influencia e que sofre influências culturais, políticas e econômicas.(Felix, 2002, p.23)

Todas estas experiências constituem o conjunto de saberes que fazem parte da constituição da minha formação de gestora. Sendo assim ao relatar acontecimentos vividos, estou apropriando-me da minha história, portanto, reconstruindo minha identidade profissional. “[...] *E a memória é por excelência, o trabalho que organiza, busca, junta, rejunta cola, desmonta, dando uma configuração às imagens que desenham novas subjetividades.*” (OLIVEIRA, 2006, p.16)

Na minha infância tive pouco contato com a Educação Infantil. Pois este rápido contato se deu em um colégio de freiras no município de Santa Maria... Não esqueço meu 'primeiro' e também o 'último' dia em uma sala de pré-escola, o sentimento de insegurança ao ser deixada por minha mãe nas mãos de uma professora que me levou até uma sala com muitas mesas, cheias de brinquedos coloridos, com crianças a sua volta... Mas não passou do primeiro dia, pois meus pais decidiram para não me separar da minha irmã, um ano mais velha, que iniciava na primeira série, que iríamos as duas ficar na mesma série (mesmo com minha pouca idade). Logo meu contato com a Educação Infantil, foi breve.

A partir da decisão dos meus pais, no dia seguinte a entrada na Educação Infantil, vi-me fazendo parte das fileiras de carteiras que compunham uma sala de primeira série. Minha primeira professora - que a meu ver era muito bonita, não me tirou da situação de sentir-me meio perdida em meio a tantas crianças e carteiras... Isso já ocorreu em um colégio de ensino confessional, onde tive minhas primeiras

experiências nas séries iniciais do ensino fundamental. Marcou-me muito minha primeira frustração escolar, quando em uma ocasião a escola ofereceu diferentes modalidades de atividades extraclasse, no caso, patinação ou balé clássico. Não tive dúvidas, a primeira opção foi minha entusiasmada escolha de modalidade a participar. Não durou muito, pois minha mãe considerando mais 'apropriado para uma menina', e também porque minha irmã havia optado pela segunda, trocou a escolha feita por mim, pelas 'monótonas' aulas de balé. Lembro como se fosse hoje, ficava horas olhando meus colegas 'deslizarem' sob as rodinhas de patins, pelo pátio do grande ginásio Marista. O que me deixou muito triste naquele sonho de busca pela 'sensação de liberdade', que com meus cinco anos de idade, deslizar em alta velocidade nos patins, proporcionavam. Neste momento penso em alguns aspectos da minha vida, volto aos dias atuais e me vejo diante de realidades tão 'duras'. Como nos diz Oliveira e Peres:

Estamos inseridos no campo simbólico da educação, percebemos a necessidade de revisitar saberes guardados na memória, pois estes se constituem em repertórios acionados quando o professor constrói sua performance, sua profissionalidade. (OLIVEIRA E PERES, 2002 p.167)

Quando em 1989 dei-me conta de que o curso de Economia não era bem o que desejava continuar estudando, até porque nas aulas de cálculo sentia muita dificuldade para concentração, tranquei o curso. Foi neste momento que por influência de minha irmã comecei a trabalhar em um educandário que, por conseguinte, levou-me a escolher o curso técnico de magistério.

O trabalho nesse Educandário filantrópico de cunho religioso, que se localizava em uma região periférica da cidade de Goiânia, durou 2 anos. No primeiro ano trabalhei na parte administrativa, auxiliava na secretaria e na direção e no segundo atuei junto a uma turma de primeira série. A perspectiva da Escola era especialmente desenvolver a criança na sua integralidade, tanto nos aspectos cognitivos, emocionais como sociais. Na pré-escola, hoje Educação Infantil, eram trabalhados livros de contos clássicos, priorizando a criatividade e a memória, entre outras habilidades. Eram crianças onde as dificuldades materiais e afetivas estavam presentes, portanto, a escola buscava fazer um trabalho no sentido de desenvolver nas crianças a busca pelo sonho, pelo belo. Procuravam valorizar a natureza, suas belezas naturais, trabalhavam com cores, sem usar o lápis preto e o branco por

representarem ausência de cor. Baseava-se na metodologia Waldorf (LANS,1979).

Não esqueço dos semblantes e dos sorrisos das crianças, nesse contexto compreendi que a segurança, de um espaço educativo organizado com uma metodologia bem estruturada, é capaz de transmitir. Por ser uma metodologia diferenciada, trabalhava-se com oficinas de arte, artesanato... O ambiente era simples, mas caracterizava-se por ricos recursos naturais, o pátio era um grande espaço cercado por árvores, com brinquedos construídos com materiais reciclados e balanços feitos de pneus velhos... Havia uma pequena horta e as crianças ajudavam a mantê-la. Eu fazia parte de um projeto mantido por um grupo de pessoas e acredito ter sido essa experiência que me impulsionou para a área da educação, ou seja, momento em que iniciei minha trajetória profissional, junto a infância.

Diante da “descoberta dos fatores que auxiliaram na constituição da pessoa e do profissional que esta sendo” e diante da possibilidade da reconstrução do modo como somos e estamos no mundo, tem-se uma proposta de formação em que o docente, ao passar a proposta de formação em sua história de vida todos os fatores que constituíram para o profissional que se tornou, tem a oportunidade de alterar seu saber-ser e saber-fazer. É, “o ato de pensar e escrever sobre a experiência vivida na sala de aula, em uma reunião pedagógica, em uma situação de lazer com alunos, etc [...], uma função terapêutica que permite ao professor se apropriar da experiência vivida de modo a elucidar ações e reações, encontrar saídas, ordenar o vivido e redimensionar a ação futura . (BENINCÁ,2002 p.30)

Como nos afirma Benincá, a importância da lembrança das vivências e a história do professor, é fundamental para constituir-se no profissional que é. Sendo assim, posso perceber o quanto é significativa a retomada da trajetória de vida para a construção da identidade profissional do educador.

Quando finalmente conclui e me formei no curso de magistério, após ter sido interrompido por motivo de uma internação, causado por uma enfermidade, minha família e eu voltamos à Santa Maria. Chegando a cidade, foi como ter novamente partido do ponto zero, ou seja, um grande recomeço. Uma cidade que, não oferecia muitas oportunidades de trabalho, onde havia muita mão-de-obra ociosa... Busquei envolver-me inicialmente, para não ficar sem a prática, numa atividade voluntária em uma escola de tempo integral de Educação Infantil e Séries iniciais. Lugar este em que as meninas vindas de famílias da periferia da cidade e de baixa renda recebiam o ensino formal, no período da manhã e a tarde participavam de oficinas, que eram monitoradas por pessoas voluntárias e desenvolviam atividades de reforço escolar, artes e outras.

Fiquei nesta casa durante três anos, no primeiro tempo iniciei com atividades de reforço com uma turma de primeira série. No entanto, esse trabalho não era muito simples, pois as meninas apresentavam dificuldades de disciplina. Quando atingia uma pequena parcela do objetivo da aula já saia satisfeita, pois elas eram bastante inquietas. O que elas mais gostavam era quando trabalhávamos com músicas, eram os momentos de maior integração. Através da música, buscávamos desenvolver a sua auto-estima, muito comprometida pela forma de vida que levavam, manifestado através da agressividade que apresentavam. Estas meninas apresentavam a idade acima da média, mas não deixavam de expressar nos olhos seus sonhos. Eram oriundas de lares carentes e suas mães, enquanto elas ficavam na escola, trabalhavam em sua maioria em casas de família, porém em atividades informais.

Nesta instituição, os professores eram mantidos pela prefeitura, era oferecida alimentação adequada, cuidado com a higiene, assistência odontológica (havia um consultório e dentistas que prestavam serviço voluntário).

Era um ambiente agradável, um espaço onde suas necessidades buscavam ser atendidas, muito embora suas histórias de vida fossem muito dramáticas. Tínhamos conhecimento de casos de violência como abusos sexuais dentro dos próprios lares e violências de toda ordem. Lembro-me da oportunidade de participar de algumas sessões com algumas famílias, onde casos como estes eram tratados por profissionais de saúde através de terapias.

Entre os voluntários havia psicólogos que se implicavam com o trabalho terapêutico. Havia também um acompanhamento com as famílias através de palestras mensais, onde temas relacionados à educação dentro do lar, drogas, entre outros eram tratados, com espaço sempre para a interação com as mães, através de perguntas. Estas palestras eram realizadas por pessoas que estavam geralmente ligadas a estas ações comunitárias, tais como assistentes sociais, médicos, conselheiros tutelares...

Todas as sextas-feiras eram oferecidos filmes de vídeo para as meninas assistirem, quase sempre clássicos da literatura infantil. Neste mesmo período me vi novamente envolvida por questões de saúde e tive que me afastar do projeto. Após o afastamento, quando retornei à escola, fui para uma turma de pré-escola. Nesse momento, senti-me muito gratificada, pois me vi envolvida neste espaço educativo trabalhando com a oficina de literatura e de arte. Foi aí que optei pela educação

infantil, pois compreendi que tínhamos maior afinidade e meu trabalho era mais produtivo.

Em 1999, já fazia dois anos que estava no projeto e quando iniciou o ano letivo estava auxiliando na secretaria. Trabalhava junto com a coordenadora, acompanhava as atividades na sua totalidade dentro da escola no turno vespertino. Foi quando no final do ano surgiu a oportunidade de trabalhar para uma amiga ficando com o seu filho. Então afastei-me do projeto, mas continuei de alguma forma ligada à infância.

Cada vez mais percebi a necessidade de continuar a trabalhar com a infância e assim apareceu minha primeira oportunidade de trabalhar em uma escola de Educação Infantil particular, próxima à minha casa. Assim de 2000 a 2001 trabalhei com turmas de Educação Infantil. Nessa escola a coordenadora motivou-me e contribuiu muito para o meu trabalho e aprendizado. Em agosto de 2000, senti necessidade de buscar aprofundar-me na área da educação e decidi ingressar em um curso pré-vestibular, com a intenção de me preparar para o vestibular. Trabalhava de dia e à noite ia para o cursinho. Nunca esqueço a alegria que experimentei ao escutar meu nome na relação de aprovados no vestibular daquele ano. Neste momento, lá estava eu realizando um sonho, prestes a ingressar em um curso superior em uma área que acreditava ter uma forte relação comigo.

5 CAPÍTULO 4

SABERES DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL – ESPAÇO ACADÊMICO

Neste momento discorrerei em torno do espaço acadêmico, relatando algumas situações e trazendo a experiência do Projeto Prolicen, do qual fiz parte.

No final de fevereiro de 2001, aos trinta e três anos, eu me encontrava iniciando um curso que acreditava estar profundamente relacionado com meus objetivos de vida e assim poderia aprofundar através dos estudos, o conhecimento em torno da educação. O curso de Pedagogia, entre outras ciências estuda Psicologia da Educação, Sociologia da Educação e Filosofia da Educação. Encontrei professores, que marcaram minha formação profissional, alguns que com suas palavras de incentivo ainda se fazem presentes em minha vida o que, conseqüentemente, é refletido na minha prática. Foram sorrisos, olhares, frases, gestos, palavras, histórias de vida, experiências trocadas durante debates em torno da temática educação, mediadas por professores amigos e companheiros. Os bons ficaram na memória e acompanham sempre meus passos, os que de alguma forma não acrescentaram muito no aspecto humano, deixaram sua contribuição na minha bagagem cultural e intelectual.

Quanto a contribuição dos professores na formação do docente, nos afirma Pimenta (2002, p.20)

Quando os alunos chegam ao curso de formação inicial, já tem saberes sobre o que é ser professor. Os alunos que foram de diferentes professores em toda a sua vida escolar. Experiência que lhes possibilita dizer quais eram bons de conteúdo, mas não em didática, isto é não sabiam ensinar. Quais professores foram significativos em suas vidas, isto é, contribuíram para sua formação humana (PIMENTA, 2002, p.20)

Além das aulas tivemos Congressos de Educação que foram muito importantes para a minha formação. Alguns promovidos pela própria universidade e outros por instituições outras ligadas a Educação Popular. Sempre procurei participar por acreditar que eles representam oportunidades preciosas para ampliar a visão em torno de conceitos e experiências educacionais. Nos eventos internacionais, era-nos oportunizado contato com autores de obras e agentes relacionados à educação em vários espaços do país e do mundo. Durante toda a

graduação sempre busquei os eventos ligados à temática da educação popular, contemplando aspectos políticos, sociais e que melhor poderiam responder as questões que advinham das experiências já vividas nas escolas de comunidades expressas no capítulo anterior.

Além dos Congressos, posso acrescentar que um dos espaços que muito contribuiu para minha formação foi a pesquisa. Assim participei nos anos de 2004 e 2005 do Projeto de pesquisa: “Projeto Integrado de trabalho de alunos e professores da Escola Itinerante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra”. Nesse espaço-tempo pesquisamos a Escola Itinerante do MST, escola que se organiza nos acampamentos do Movimento. Durante esses anos de pesquisa estivemos envolvidos com um acampamento que se localizava próximo ao município de São Gabriel. No ano de 2004, fui escolhida como bolsista do Prolicen – Programa de Licenciaturas na UFSM, e tive como orientadora a professora Ane Carine Meurer.

O projeto tinha como objetivo a aproximação de alunos e professores dos cursos de Pedagogia e Geografia da Universidade Federal de Santa Maria, com a Escola Itinerante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Naquele momento acompanhamos mensalmente a Escola Itinerante do acampamento supra citado.

O MST é um Movimento Social que luta pela terra e dignidade no qual a Educação sempre esteve entrelaçada na sua construção. Desde o início da retomada da luta pela terra, em 1979 marcada pelas ocupações com as crianças acampadas. Durante um longo período de aproximadamente 10 anos de luta do movimento organizado no Rio Grande do Sul, as crianças que acompanhavam seus pais e mães nos acampamentos não tinham o reconhecimento legal das aulas que tinham no acampamento. Sendo assim, foi assumido como uma bandeira de luta, a conquista da escola legalizada, como direito institucional a educação pública, gratuita e de qualidade. (RIO GRANDE DO SUL, s/data, p.04)

Um dos desafios propostos pelo MST para o séc. XXI é assegurar aos acampados o direito ao acesso à educação básica através da Escola Itinerante, mas também propor uma escola que siga princípios do MST relacionados a coletividade dentro de uma proposta global que visa à inclusão.

Os objetivos gerais, da Escola entre outras são:

Garantir o direito a educação de qualidade às crianças, adolescentes, Jovens e Adultos das comunidades acampadas através de uma metodologia diferenciada, correspondente a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos; oportunizar aos educandos

e às educandas espaços para constituírem-se sujeitos capazes de compreender e interpretar o processo histórico vivenciado, buscando a transformação social, e despertar a consciência organizativa e espírito de liderança das crianças, adolescentes, educandos e comunidade acampada, com clareza política para o exercício da cidadania. (RIO GRANDE DO SUL, s/data, p.07)

Além das visitas participávamos de seminários internos semanais, dentro da universidade, onde textos a respeito da relação entre educação e movimentos sociais eram discutidos. As discussões eram ricas e entre outros temas discutíamos o posicionamento da Universidade junto a estas realidades diferenciadas de educação.

Nas visitas ao acampamento, em um primeiro momento, estabelecíamos um contato com a liderança do acampamento e apresentávamos os objetivos do projeto. Os educadores da escola expressavam as suas necessidades e os professores da Universidade levavam textos e atividades relacionadas com os temas pré-estabelecidos. Esses eram apresentados e discutidos com os educadores e líderes. Coletivamente traçávamos os planos e as metas sobre o que seria trabalhado naquele semestre e o trabalho que realizávamos era uma síntese entre as suas necessidades e a capacidade que o grupo de pesquisa tinha em sanar as solicitações. Antes das visitas sempre procurávamos entrar em contato com o acampamento para sabermos qual era o tema gerador que estavam trabalhando e os alunos e professores organizavam seus planos de aula articulando-o a temática.

Na primeira visita em que participei, o tema gerador era Globalização. Após vivenciarmos um momento junto aos educadores e acampados e almoçarmos coletivamente com o grupo, partimos para as salas de aula onde em duplas atendíamos as crianças. No momento em que ficamos com os educandos procuramos conhecê-los melhor, suas necessidades e sua história.

São crianças, adolescentes, jovens e adultos dos acampamentos que fazem parte do MST, que vêm junto com seus pais em busca de um objetivo comum: construir uma sociedade justa, ter uma oportunidade para estudar, conquistar a terra e o direito de viver nela, e mais que isso o sonho de produzir nela alimentos para a sua sobrevivência. (RIO GRANDE DO SUL, s/data, p.06)

Cada um vinha de determinada localidade do Estado, e eles narravam suas experiências, antes de estarem no acampamento.

[...] Vindos de diversas realidades das comunidades rurais empobrecidas, das periferias das cidades, de uma condição de itinerância em busca de melhores condições de vida, chegam ao acampamento com uma série de necessidades: subnutrição, problemas de saúde e higiene, além disso, muitas possuem uma trajetória de exclusão do Sistema Educacional. São crianças e adolescentes abertas aos novos aprendizados, embora já tenham feito várias tentativas de sobrevivência. Ali, na luta do acampamento, aprendem a questionar e reivindicar seus direitos. Quando começam a confiar em quem está ao seu redor, buscam trocar carinho, afeto e esperança. Ali começam a construir uma nova identidade, identidade de Sem Terra. (RIO GRANDE DO SUL, s/data, p.06)

Cada um trazia sua própria bagagem, sua história de vida, mas todos tinham em comum a esperança em um futuro mais promissor, pela possibilidade de conquistar seu pedaço de terra.

Ao chegarem no acampamento, tudo é novo para elas. Antes viviam sós. Agora, tão rapidamente, se vêem rodeadas de muitas outras pessoas, adultos e crianças. Antes, vivem distantes, isoladas umas das outras, hoje acordam em cidades de lonas pretas. Ali o sonho se torna coletivo, a busca é conjunta, a escola é perto, os educadores moram no barraco ao lado. (RIO GRANDE DO SUL, s/data, p.06)

Nesta primeira visita, o tema gerador¹ era Globalização, preparei para a turma de Educação Infantil, um encontro com a leitura de uma fábula da literatura infantil, “O rato da cidade e o rato do campo”. As crianças gostaram, envolveram-se, e pude conhecer um pouco da realidade de cada uma, pois antes da história, cada uma teve a oportunidade de falar um pouco de si, de onde vinha, qual lugar havia morado, como se sentia no acampamento.

Foi o meu primeiro contato com essas crianças e foi muito especial. Pois, ao mesmo tempo em que me reportava as realidades semelhantes, já experienciadas anteriormente, não deixava de ser novo pelo teor político que envolvia o movimento dos Sem Terra.

¹ Para melhor compreendermos o que é o tema gerador devemos refletir sobre o que Freire (1975) refere: “tema gerador” não se encontra nos homens isolados da realidade, nem tão pouco na realidade separada dos homens. Só pode ser compreendido nas relações homens-mundo. Investigar o “tema gerador” é investigar o pensar dos homens referido-se a uma determinada realidade. A expressão “tema gerador”, na teoria Freiriana, refere-se a temas que levem à criação, à produção, ao desenvolvimento ou a fecundação de algo novo. Trata-se de conteúdo ligados às condições existenciais dos educandos, de sua visão cultural e de suas crenças. Por isso, à medida que eles vão compreendendo a própria situação e a relação entre a realidade e o contexto universal vão transformando o mundo.

Os princípios de Educação destes cursos se vinculam ao jeito que o MST historicamente vem formando o sujeito social de nome Sem Terra. E que no dia-a-dia educa as pessoas que dele fazem parte. E o princípio educativo principal desta pedagogia é o próprio Movimento. A relação do Movimento com a educação é uma relação que traz na sua origem a história e a cultura do direito à terra e de como permanecer nela, na condição de viver os aprendizados coletivos, oportunizando aos educandos construir conhecimentos novos a partir de suas vivências quotidianas, tornando o acampamento e os Cursos ali existentes em espaços educativos. (RIO GRANDE DO SUL, s/data, p.09)

A Escola era constituída por pequenos barracos de lona preta com algumas mesas e cadeiras, havia um local onde armazenavam materiais escolares, livros, materiais didáticos, este era chamado de secretaria. Mesmo nestas condições precárias percebia-se uma busca em atender as necessidades das crianças através das aulas que eram orientadas por diretrizes vindas da coordenação pedagógica do setor de educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

São considerados educadores nestes Cursos todas as pessoas que desenvolvem tarefas ou funções que dizem respeito ao processo educativo das crianças acampadas. São homens e mulheres, geralmente muito jovens, oriundos dos mais variados lugares do estado do Rio Grande do Sul, que em busca de terra, vida, educação e dignidade juntam-se com os demais agricultores sem-terra para lutar pela Reforma Agrária. A maioria tem cursado o Ensino Fundamental. Alguns poucos já cursaram o Ensino Médio e hoje, vários estão estudando no curso Normal de Ensino Médio e Pedagógico Superior no Instituto de Educação Josué de Castro em Veranópolis- RS. (RIO GRANDE DO SUL, s/data, p.07)

Como o projeto era aberto aos acadêmicos de outras licenciaturas, houve um momento em que um aluno de mestrado na área da educação, mas com formação em Artes, preparou e participou de uma das visitas levando um plano de aula muito criativo e interessante. Utilizando-se dos diversos materiais oferecidos pelo ambiente natural do acampamento, junto com o seu grupo montou uma pequena maquete do acampamento. Utilizou gravetos, folhas e pequenos retalhos de lona preta, para montá-lo. As crianças gostaram tanto, que quando estávamos indo embora, ainda havia muitas delas lá brincando com a maquete.

Nesta viagem me defrontei com uma experiência que de alguma forma também me marcou. Quando estávamos nos despedindo de todos para irmos embora, uma menina de mais ou menos 05 anos de idade se “agarra” nas nossas pernas, suplicando em choro compulsivo para que a trouxéssemos conosco. Lembro dela com seu olhar frágil, mas ao mesmo tempo demonstrando uma maturidade precoce causada pelas dores e dificuldades que a vida desde cedo lhe impôs.

Segundo Anaut (2002).

A vulnerabilidade pessoal dependerá dos atributos de que a criança dispõe: isto é, da sua sensibilidade, das suas fragilidades, das suas capacidades para enfrentar os fatores de risco e os acontecimentos stress antes, das suas capacidades cognitivas, etc. A vulnerabilidade pessoal, ou seja inerente a criança, poderá prejudicar a sua adaptação ao aumentar os efeitos dos fatores de risco. (ANAUT, 2002, p. 22,23)

O que a fez agir assim? Não sabemos, precisaríamos analisar e conhecer melhor aquela realidade, aquela criança. Pode ser a falta de adaptação no ambiente do acampamento, a saudade do ambiente anterior, o stress em decorrência desta situação... Essa experiência me levou a reflexões, relacionadas a forma de trabalhar e que conteúdos trabalhar, para que possamos atender e sanar um pouco das reais necessidades de uma criança nesta situação.

Ter participado deste projeto trouxe-me muita alegria, pois foi possível experienciar uma realidade diferenciada de educação e perceber que mesmo onde as condições são tão precárias há uma intenção séria de educar crianças em idade escolar. É possível, por iniciativa de poucos, mas compromisso de todos levá-las a aprender o conhecimento sistematizado de que a humanidade dispõe. No entanto, para isso é imprescindível que haja uma metodologia diferenciada, pois assim podem ser concretizados os ideais da Educação popular levando-se em conta as realidades, os espaços não convencionais de educação.

É importante existirem projetos com tais preocupações dentro das universidades públicas para que os estudantes, futuros professores, tenham contato com essas outras realidades, para perceberem que quando há um comprometimento por parte de todos é possível que a educação se desenvolva incluindo a todos, legitimando o que é de direito de todos os cidadãos brasileiros - o direito a educação.

Outro momento importante foi a escolha do espaço para o estágio curricular. Esta decisão estava diretamente relacionada com minhas escolhas anteriores, no que diz respeito aos ambientes caracterizados pela carência e necessidades de toda ordem. Buscando um local, onde eu pudesse exercitar minha vontade de agir, contribuindo de forma mais efetiva para a formação de cidadãos mais críticos, mais autônomos.

Cheguei a uma pequena escola de Educação Infantil, localizada em um local

de risco na periferia da cidade. Quando cheguei conversei com a diretora, que me relatou a respeito da realidade da escola e sua comunidade, suas características, necessidades e carências materiais, mas ao mesmo tempo da grande participação da comunidade na escola. Conheci a turma e percebi que ali havia muitos “dramas particulares” caracterizando a vida daquelas crianças, pois algumas destas crianças eram filhas de pais presidiários e ainda havia uma menina bastante ativa e que apresentava um comportamento muito agressivo.

No primeiro semestre minha participação deveria ser através da observação e assim ir definindo qual projeto trabalhar com eles no segundo semestre. No entanto, não foi o que aconteceu, pois estava vinculada a escola por um estágio na Prefeitura através do CIEE, e assim, logo já no primeiro semestre assumi a turma. Foi uma experiência muito importante para minha formação.

No primeiro semestre pude refletir sobre alguns aspectos, entre eles na possibilidade de se pretender que a escola se torne um espaço neutro e objetivo, independente do contexto, onde se permita a instrução universal, era realmente a meu ver quase impossível. Assim do mesmo modo que tornar a escola um espaço unicamente para praticar, desenvolver os valores que se consideram essenciais para o indivíduo e para a coletividade.

No contexto desta escola, havia predominância do segundo caso, como dimensão sócio-cultural, onde a participação da comunidade era bem grande. Por ser uma escola inserida em um contexto de nível popular, onde muitas crianças eram oriundas de lares onde o desemprego e as necessidades estavam presentes, a escola tinha uma participação muito decisiva em suas vidas. Havia crianças que freqüentavam as aulas, unicamente pelas refeições que ali eram oferecidas. E a escola, que participava da vida da comunidade, buscava suprir as necessidades destas. Assim sendo, reforçava a parte da alimentação, tentando sanar um pouco as necessidades, das crianças que apresentavam características de subnutrição. Estes alimentos eram doados por uma igreja da comunidade e outras entidades que também faziam doações.

Em relação à realidade em sala de aula, percebi que muitas crianças apresentavam comportamento arredoio, e eu conhecendo um pouco suas historias de vida, percebendo que muitas traziam dificuldades como ausência de um dos pais, violência dentro do lar, busquei construir um projeto que lhes propiciasse momentos de aprender com prazer. Procurei fazer com que elas “se soltassem”, que a

imaginação pudesse ter espaço, potencializando o lúdico e a criatividade. Então escolhi trabalhar com contos clássicos, o que me motivou nessa escolha foram as experiências anteriores, as leituras feitas e o ter cursado uma disciplina na Universidade. Segundo Celso Gutfreind (2003), os contos são importantíssimos na superação de perdas e como terapia para problemas da afetividade, onde as emoções apresentam-se em desalinho. A consequência desta experiência, é que houve um forte vínculo criado entre eu e as crianças, aflorou uma afetividade muito espontânea, e as crianças começaram a apresentar um comportamento mais solto, mais alegre, mais criativo.

No segundo semestre quando já havia iniciado a prática do meu projeto, ocorreu um fato que me sensibilizou, e deu-me a certeza de que estava trabalhando com o conteúdo e a metodologia apropriada. O padrasto de um menino havia, através do suicídio, deixado a vida. Esse fato causou um clima de muito agito em toda a escola, principalmente para o menino que estava mais diretamente ligado ao caso. Este menino começou a apresentar um comportamento insistente em todas as suas falas onde sempre estava presente o tema “morte”. Ele associava as brincadeiras e demais atividades à figura do pai e ao que havia acontecido. Antes era uma criança participativa e questionadora que se tornou um pouco mais apática e introvertida. Eu acabei envolvendo-me de maneira intensa e percebi, em determinado momento, que estava super protegendo a criança, na minha ânsia de ajudá-la.

Eu tentava envolvê-lo com o que podia oferecer de melhor, minha amizade minha proteção. Cheguei a levá-lo para minha casa para passar um dia. A diretora chegou a me alertar em relação a minha atitude, pois estava priorizando uma em detrimento das outras crianças. Sentia-me desconfortável diante da situação, até porque eu já estava levando-a, o caso do menino, para o lado pessoal. Refleti muito a respeito, pois ao reconhecer que estava no caminho deste menino, naquele momento, estava implicada com a sua história, com a situação vivenciada por ele e diante disso o que deveria ser feito para tentar-lhe amenizar seu sofrimento? Busquei me vigiar mais, e não ser tão “protetora” e agindo com mais espontaneidade em relação ao aluno referido. Ainda busquei não evidenciar tão ostensivamente, minha preocupação com ele, e as coisas começaram a se organizar tanto em mim quanto no menino.

Trabalhando com os contos, ia desenvolvendo e oportunizando a elas a

construção de uma crença de que o final feliz é possível, sendo assim faz-se reacender a esperança em um porvir melhor, dando-lhes um momento de fantasia e de sonho.

Além da experiência com os contos, a música sempre esteve presente em nossa sala de aula. Assim, quando chegou o final do ano nossa turma havia montado um pequeno coral, nesse cantaram várias músicas e o menino que havia perdido o pai de forma trágica, cantava junto com as outras crianças com muita alegria e entusiasmo. Esse trabalho foi muito gratificante e de certa forma possibilitou-me avaliar positivamente o seu desenvolvimento e contribuiu para que o menino trabalhasse com o luto pela perda do pai.

Dado o exposto, cabe salientar que a Universidade Federal de Santa Maria, por ser pública e comprometida com a formação de profissionais que tenham em vista as causas sociais e, através das práticas relatadas, abre-se para o trabalho com outras realidades, compromete-se com a transformação social. Nesse sentido, enquanto educadores devemos refletir e nos implicar com a tarefa de formar sujeitos autônomos, críticos e transformadores, pois acredita-se que toda a criança tem direito a educação e a uma vida minimamente digna.

6 CAPÍTULO 5

SABERES DA EXPERIÊNCIA: ESPAÇO DO PROJETO ALTERNATIVO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste momento do desenvolvimento deste trabalho de monografia, sinto a necessidade de justificar minhas concepções e percepções de educação e estarei referindo-me ao Projeto Alternativo de Educação Infantil. Nesse espaço-tempo me defrontei com crianças vivendo em um ambiente hostil, em condições delicadas assim como no acampamento, fiquei pensando em qual o melhor método, conteúdo, currículo a serem trabalhados, para que o processo de ensino-aprendizagem se efetive.

Esse espaço, que marcou minha trajetória de forma significativa, visava de alguma forma minimizar as condições, muitas vezes subumanas em que as crianças envolvidas pelo projeto vivem, assim como resgatar a sua dignidade. Oferece às crianças um ambiente de aprendizagem que supre, em parte, as suas necessidades básicas. Alguns dos objetivos do projeto Alternativo de Educação Infantil² eram oferecer um ambiente digno de convivência social, suprimindo as carências afetivas e materiais, buscar promoção das crianças (entende-se essa promoção como melhoria de qualidade de vida), através de uma proposta pedagógica mais humana; resgatar a auto-estima e desenvolver valores ético cristãos, para que o respeito ao outro e a si mesmo se torne uma condição mínima necessária a vida; contribuir na formação da cidadania.

O espaço do projeto Alternativo de Educação Infantil, no qual participei com vínculo empregatício, a partir do ano de 2006, configura-se em um projeto de educação não-convencional. Este projeto situa-se na zona periférica da cidade de Santa Maria, havendo uma parceria com uma Organização Não Governamental, que era responsável pela minha manutenção financeira. Os demais educadores eram mantidos pela Associação Espírita. O Projeto é norteado por princípios ideológicos religiosos e objetiva contribuir com a inclusão de crianças de 03 a 06 anos em um espaço-tempo educacional, até então deficitário na comunidade, pois as escolas não

² A escola começou seu trabalho em 2006, portanto ainda não havia construído o seu projeto político-pedagógico, sendo assim esses objetivos são resultado de reflexões que ocorreram no percurso da elaboração do Projeto Alternativo de Educação Infantil.

ofereciam vagas suficientes para atender a demanda. No projeto são atendidas crianças oriundas de famílias de baixa renda de acordo com o seguinte cronograma: turno matutino atende crianças nas turmas de educação infantil e no vespertino, crianças de até 12 anos. Através de uma metodologia que trabalha valores éticos e morais, busca resguardá-las da marginalização e exclusão social.

Neste ambiente as crianças vivem uma rotina onde recebem alimentação e participam de atividades pedagógicas. Essa inclui atividades de sala de aula, recreação, atividades artísticas e até o início do ano de 2007 começaram a receber reforço escolar e atividades direcionadas à saúde e a higiene. Essa proposta pedagógica tem proporcionado aos alunos envolvidos o contato com uma proposta metodológica situada fora dos padrões convencionais, de cunho religioso (espírita), diferenciada pelo enfoque dado a metodologia de educação popular e pela própria estrutura da escola.

Esse foi o contexto que encontrei no espaço-tempo da escola do projeto Alternativo de Educação Infantil. A comunidade marcada por necessidades imensas, pela fome e todo tipo de necessidade material e afetivo-social.

Em determinado momento da experiência tive oportunidade de visitar alguns lares desta comunidade onde pude presenciar uma realidade dura e difícil: pequenos barracos de chão batido com apenas um pequeno cômodo, nesse as famílias, geralmente numerosas, com mais de 04 filhos se acomodam pelo chão em cima de pequenos cobertores improvisando camas. Essas condições, no meu entender são subumanas, a dignidade está ausente. No entanto, ainda se reconhece nos pequenos um brilho de sonho nos seus semblantes... Quando lhes chega as mãos um pedaço de pão, ou um “pote” com uma minguada refeição essas crianças denotam que ainda acreditam num porvir melhor...

Diante de realidades como a apresentada nesse capítulo, questiono: qual a nossa função de educadores? Como minimizar e contribuir para que tal situação se altere?

Todos os participantes do Projeto Alternativo de Educação Infantil, devido às condições de classe, são vítimas de uma infinidade de problemas sócio-afetivos. Assim, encontramos famílias em condições mínimas de sobrevivência, mal conseguindo atender às necessidades primárias de vida, problemas de saúde causados pela falta de alimentação. Grande parte das famílias é marcada pela fome que caracteriza a sua miserabilidade, pois muitas sobrevivem do “lixão” com

atividades de 'reciclagem' e retiram deste local os próprios alimentos que compõe a mesa, completados por uma renda que é composta por auxílios oferecidos por políticas públicas governamentais, tais como bolsa família.

Percebi em minha vivência, nessa realidade, que a população caracterizava-se por uma vida onde as condições mínimas de sobrevivência traduziam-se em uma forma desumana e indigna. Assim sendo, apresentam comportamento bastante agressivo, carência afetiva, baixa auto-estima, entre outros.

Observei que a estrutura de moradia precária como as apresentadas, têm gerado conseqüências comportamentais tais como a falta de um espaço adequado de convivência que propicia a perda de referências de respeito a individualidade. Essas dificuldades por eles vivenciadas geram, no dia-a-dia, diversos outros problemas de comportamento, tais como: falta de limites, em alguns momentos a falta de respeito, a violência e falta de perspectiva para uma vida melhor.

Trabalhei nesse projeto durante seis meses, mas que foram de significado profundo na construção da minha identidade profissional. Precisei me afastar por não haver sido renovado o meu contrato. O motivo apresentado pela representante da ONG, foi o de não enquadrar-me no "perfil de educadora" da entidade. O perfil adequado, segundo a representante, seria o de uma educadora mais "maternal", mais "mãe", que não fosse tão "professora", que se preocupasse mais com o cuidar. O que se confrontou com a opinião da escola, que lutou pela minha permanência no projeto. Neste momento, dando prioridade tanto para o cuidar como ao educar, houve um confronto de posicionamentos, frente ao trabalho efetivo do professor em sala de aula. O que aconteceu com a minha saída, pude acompanhar 'meio' á distancia. Três professoras passaram pelo projeto, sendo que nem uma das três, pode adaptar-se à realidade do mesmo. O motivo pelo qual elas não se adaptaram não tenho conhecimento, mas o que ocorreu é que em bem menos tempo que o esperado trocaram-se de professoras, o que causou em clima de instabilidade dentro do espaço escolar.

5.2. A Gestão Escolar articulação teoria prática no Projeto Alternativo de Educação Infantil

No espaço do projeto Alternativo de Educação Infantil onde estive vinculada formalmente no período de seis meses, atuando como instrutora, cabia-me a função de organizar as ações pedagógicas das crianças na sala de aula, além de trabalhar com a parte administrativa da escola. Sendo assim realizava: trabalho de secretaria, documentação, contato com mães, e ainda pedagógico tanto dentro da sala de aula quanto fora.

Buscando trazer à prática a teoria das aulas da Gestão percebi que dentro do espaço escolar todos são agentes do mesmo processo educacional. Ainda, que cada um dos envolvidos no processo educativo não se limitavam a uma só função, pois estávamos inseridos dentro de um todo. Todos participavam das atividades para além das suas "atribuições", gerando um ambiente dinâmico dentro do espaço escolar. A criança estava presente em todos os momentos, logo deveríamos seguir uma mesma proposta que estava centrada no cuidar e no educar. Nesse sentido, no Projeto Alternativo de Educação Infantil, tínhamos um projeto político-pedagógico coletivamente discutido, no entanto, essas reflexões não estavam registradas em um documento.

[...]Gestão Democrática, participação dos profissionais e da comunidade escolar, elaboração do projeto político pedagógico da escola, autonomia pedagógica e administrativa, são, portanto, os elementos fundantes da administração da educação em geral e os elementos fundantes na construção da educação da escola. (FERREIRA, 2001, p.306)

No projeto Alternativo de Educação Infantil, sentia em muitos momentos a necessidade que todos seguissemos uma mesma orientação, que guiasse nossos passos no todo, ou seja, havia momentos em que fazia falta uma discussão mais objetiva a respeito dos objetivos do trabalho e das funções que cada um desempenhava.

Assim todos os agentes da educação, nas diferentes instâncias do conhecimento (educadores) e do saber (voluntários – merendeira, serviços gerais), poderiam participar democraticamente, de acordo com o seu nível cultural e social. Nesse sentido a construção da cidadania poderia efetivar-se com a contribuição de

todos, ou seja, a construção de uma personalidade autônoma, nas nossas crianças poderia ser concretizada neste espaço.

Aspirava que o espaço-tempo do projeto seguisse como diz Jobim (2007) uma mesma proposta para que fossem coletivamente compreendidos aspectos referentes a autoridade, cidadania, democracia nas relações e que esses ao serem discutidos reunissem forças redefinindo os objetivos coletivamente, a fim de que todos assumissem o mesmo compromisso.

Neste sentido em muitos momentos sentia-me só, dentro de um processo solitário de construção, não distante da boa vontade das demais colaboradoras do projeto, pois não encontrava "eco" em minhas reflexões, e conseqüentemente, não reunia forças nas trocas dentro das relações pedagógicas.

Ainda, apresentava-se uma relação de poder, tanto dentro de sala se aula, como fora, junto aos outros sujeitos do mesmo espaço escolar. Tanto junto aos mantenedores, quanto aos representantes da ONG, que viabilizava minha permanência junto a escola. "A identificação das relações de poder também se faz necessária, pois é uma questão presente em todas as relações entre indivíduos, grupos e sociedades e que não pode ser deixada de lado." (JOBIM, 2007 p.55)

Em alguns momentos, me sentia em conflito sem saber qual prioridade atender, pois tantas eram apresentadas, eram necessidades materiais, afetivas, sociais... Ainda, buscava-se atender aspectos fundamentais ao desenvolvimento da infância, no que se refere à construção de valores, proporcionando as crianças um contato com o maior número possível de informações e vivências para a construção de conhecimentos, ou seguir as orientações da organização que viabilizava a minha permanência naquele Projeto.

Lembro-me de vários momentos em que estes conflitos se fizeram presentes, entre eles no caso de um menino que aqui chamarei de Luizinho. Ele apresentava uma série de distúrbios psicológicos e emocionais, que comprometiam a sua fala e o relacionamento com a professora tanto quanto com os colegas, tornando-o agressivo em alguns momentos. Nesse caso, busquei fazer uma investigação mais aprofundada de seu histórico familiar, o que me trouxe uma "explicação" do porquê de seu comportamento.

Na criança, a vulnerabilidade pode revelar-se perante acontecimentos stressantes ou uma pessoal ou ambiental que aumenta a probabilidade de o sujeito desenvolver perturbações psicológicas que podem comprometer a adaptação da criança ao seu meio. (ANAUT, 2002, pg.19)

No início do processo de escolarização, Luizinho esteve com dificuldade de adaptar-se à escola. Essa dificuldade era refletida através da fala e da agressividade (principalmente quando era contrariado, chamava a todos inclusive a professora de “vagabundas”, dava tapas nos colegas). No ambiente familiar (...). era uma criança que sempre sentia-se ameaçada, inclusive com o carinho.

Vinha de um lar com uma série de conflitos, a mãe caracterizava-se também por um temperamento agressivo e impulsivo, tinha dificuldades de prover o alimento dos filhos, que eram três. Um apresentava distúrbios neurológicos, por isso mantinha-se sob tratamento médico, com medicação controlada. O outro era um bebê de colo, e o Luizinho, que apresentava um comportamento comprometido sob aspectos de socialização e, ainda não tinha controle esfinteriano o que fazia com que ele constantemente fizesse suas necessidades fisiológicas na roupa, causando-me uma situação de difícil administração.

Segundo Anaut (2002):

As respostas comportamentais das crianças perante situações traumáticas são bastante diversas; podem ser acompanhadas por perturbações, por vezes chamadas “reativas”. Desta forma, através destes termos podemos catalogar comportamentos considerados como a instabilidade e a falta de atenção, e por vezes até o insucesso escolar, ou psicopatias comportamentais (roubo, fugas...), passando pelas perturbações do sono, perturbações psicossomáticas ou, ainda, estados depressivos.” (ANAUT, 2002, p.28)

Estes diferentes comportamentos, cujo caráter heterogêneo pode surpreender quando os tentamos classificar, tem em comum o fato de poderem ser interpretados como modos de reação perante acontecimentos traumáticos. Com efeito, essas manifestações apresentam-se, numa primeira abordagem, sem dúvida, como distúrbios ou perturbações, mas podem ser consideradas também como modos de defesa (como foram descritas por Anna Freud, apud Anaut,2002), ou ainda segundo outras referências teóricas, como mecanismos de ajustamento ao trauma e tentativas de proteção.

Neste momento defrontava-me com uma situação onde deveria articular toda a situação: atender Luizinho com a roupa suja das necessidades fisiológicas, tendo

que banhá-lo e, ainda, administrar a sala de aula para que não ocorresse nada, enquanto me ausentasse. Esta questão de gerir, ou seja, de administrar estas situações, me fizeram perceber que em muitos momentos o papel do professor se estende um pouco mais do que sua simples função de mediador do processo ensino-aprendizagem dentro da sala, ele passa a ser o administrador de todas as relações e de todas as situações decorrentes dentro do processo ensino-aprendizagem dentro da escola. Nesse contexto me pergunto será que a Universidade nos prepara para trabalhar com situações de exclusão social? Então me reporto novamente ao projeto da Escola Itinerante que de alguma forma possibilitou-me defrontar com realidades alternativas. É uma situação em que o controle das emoções precisa estar presente para que a situação seja administrada sem comprometer o andamento do trabalho como um todo dentro da sala com toda a turma.

Um médico pediatra, voluntário em determinada ocasião, examinou Luizinho, constatando que ele não possuía nada de origem fisiológica que pudesse justificar seu comportamento, mas constatou que possivelmente suas reações fossem consequência de algum trauma, por possíveis maus tratos. Fato este, me sensibilizou e fez-me buscar novas estratégias para lidar com seus sintomas de “defesa”, e as possíveis causas junto aos familiares.

Alguns autores ao analisarem as causas que ligam o acontecimento traumático e o aparecimento das perturbações ditas *reativas*, argumentam que se pode correlacionar a intensidade do impacto emocional e da situação traumática. Nesta perspectiva, a amplitude das perturbações ou a intensidade dos sintomas seriam proporcionais ao poder traumático do acontecimento. (ANAUT, 2002, p.28).

Neste momento o conceito de Gestão, é percebido na prática, quando esta exige uma administração das relações, inter-relações e situações, dentro e fora da sala. Nesse contexto, como nos dizia um professor em suas aulas no curso de Gestão, o professor reflete seu próprio projeto, ou seja, a sua prática vai refletir a sua identidade, no entanto, ela também precisa ser articulada com o projeto político-pedagógico coletivo.

Como estas crianças apresentam exposições a fatores de risco, apresenta-se uma realidade delicada e que requer maior atenção. Para tanto é fundamental que os gestores tenham conhecimento dos fatores de risco.

5.2.1 Definição dos fatores de risco

A noção de *risco* implica a possibilidade de sofrer um dano ou uma perda, a possibilidade de ser submetido a um perigo, de ser exposto a uma ferida. Em psicologia, os fatores de risco são variáveis e ligados ao aparecimento posterior de patologias ou inaptações.

[...] A definição dos *fatores de risco*, em sentido geral, podemos ir buscá-la em Marcelli, que considera como fator de risco : “todas as condições existenciais na criança ou no meio ambiente que envolvem um risco de morbidade superior à que se observa na população em geral através dos inquéritos epidemiológicos. (MARCELLI, 1996 p.32)

Segundo Anaut (2002), os principais fatores de risco:

Os fatores de risco podem ser agrupados segundo três categorias:

- os fatores centrados na criança;
- os fatores ligados à configuração familiar;
- os fatores sócio ambientais.

Anaut em sua obra cita os trabalhos de Anthony e Chiland,1980 e de Garmezy e col. 1980. Esses autores descreveram os fatores de risco como segue:

- *Fatores ligados à configuração familiar*: a separação dos pais, o desentendimento crônico, a violência, o alcoolismo, a doença crônica de um dos pais (somática ou psíquica), o casal incompleto (mãe solteira), a mãe adolescente e/ou imatura, o falecimento de um familiar.

-*Fatores sócio ambientais*: a pobreza e a fragilidade socioeconômica, o desemprego, a habitação sobre lotada, a situação de migração, o isolamento relacional, o internamento da criança numa instituição.(ANAUT, 2002, p.32,33)

Neste caso, o aluno a que nos referimos pode ser relacionado a duas situações de risco, tanto no que diz respeito a configuração familiar (separação dos pais), quanto aos fatores sócios ambientais (a pobreza e a fragilidade socioeconômica). No caso de Luizinho, registrou-me a mãe, que ele “apanhava” muito e era muito arredo, além de não olhar nos olhos das pessoas... Busquei ligar-me mais a ele, dando-lhe atenção maior, buscava conversar e aproximar-me mais. Isto deu um bom resultado, pois de alguma forma ele foi receptivo, tornando-se mais flexível, mais tranqüilo, demonstrando que recuperava aos poucos a sua auto-

estima.

Assim ignorar o passado é conviver com a possibilidade de executarmos não os mesmos, mas erros muito próximos dos já cometidos, de não compreendermos como nos constituímos na pessoa que somos e, com isto, de nos tornar prisioneiros do imaginário instituído. Ainda, [...] diante desta possibilidade de “aprisionamento ao fato a nós mesmos” é extremamente importante enfrentar nossas reminiscências, para que, a partir da identificação e compreensão da gênese de nossas posturas frente às mais diversas situações vividas, consigamos auxiliar na edificação de um outro imaginário. Ainda, embora seja fundamental trabalhar com a memória para a transgressão do imaginário instituído, isto não é fácil, pois nem sempre estamos preparados para enfrentar nossas frustrações, revelar nossa adesão emocional a determinados mitos e reconhecermos (analisarmos) a que integramos. (DAL MOLIN, 2006 p. 29)

O caso de Luizinho ensinou-me muitas coisas, primeiramente a vencer certas barreiras de preconceito que trazia comigo. Desafiou-me a enfrentar as dificuldades, olhando-as de frente e buscando administrá-las de acordo com minhas possibilidades, fazendo-me perceber que podemos ir além, quando nos disponibilizamos. O Luizinho é uma criança que me marcou, pois representou uma relação em que foram construídos laços de confiança e de carinho, estabelecendo-se um vínculo de afeto e respeito, através das lutas e dificuldades.

Quando os cursos de formação de professores nos preparam para trabalhar em uma situação ideal, com alunos que jamais precisam de um banho ou nos desafiem e que docilmente aceitam todas as atividades propostas, precisamos rever tal formação. Assim precisamos mudar nosso imaginário a respeito da nossa profissão com vistas a enfrentar o que temos, lutando para construir uma sociedade mais justa.

5.3 Questões Pedagógicas que envolvem a prática no Projeto Alternativo de Educação Infantil

Quanto ao aspecto pedagógico, o que me causava preocupação era a falta de recursos materiais, pois isso de alguma forma refletia no trabalho do dia-dia com as crianças, comprometendo o processo de ensino-aprendizagem. Sabe-se que a falta ou insuficiência de conhecimentos reforça as desigualdades e fomenta as injustiças. (JOBIM, 2007, p.5)

Por tratar-se de crianças da Educação Infantil, buscava trabalhar com o maior número de recursos que dispunha, livros de histórias, (contos clássicos, de cunho moral-religioso, e outros), nas atividades buscava explorar os recursos que havia a disposição, como revistas, retalhos de papéis crepom, restos de tintas, restos de cola coloridas, etc. Esses materiais vinham de outras escolas e de pessoas que os doavam, na maior parte esses materiais eram quase inutilizáveis, mas nós buscávamos aproveitar o que era possível. Montávamos painéis, dos mais diferentes assuntos, trabalhávamos com colagens e recortes.

Nos planejamentos me vinha à mente muitos momentos em que a fala de alguns professores caracterizava-se por orientações nas quais deveríamos disponibilizar para as crianças o maior número de elementos possíveis para que eles tivessem contato com diferentes formas de criação e produção.

Abastecia-me com leituras sobre a importância do conto clássico infantil na infância, para que as crianças tivessem contato com valores do bem e do mal, para que construíssem seus próprios conceitos. Nesse sentido o conto clássico trabalha muito bem esse objetivo, pois ressalta na figura da mocinha, a princesa o bem o belo, e na figura da bruxa, o mal. A questão dos traumas também podem ser trabalhados a partir do conto clássico. (GUTFREIND, 2003)

Buscava aproveitar os recursos naturais, próprios do ambiente que a instituição oferecia. Quanto a jogos, promovíamos muitos momentos com diversos jogos infantis, onde estavam presentes poucos recursos materiais, como o futebol, ovo choco... para a suprir a carência dos recursos materiais valorizávamos também as brincadeiras antigas, do tempo de nossos avós, como brincadeira de roda, pular corda, "amarelinha", "pique esconde", "telefone-sem-fio"...As crianças participavam com muito entusiasmo, e ainda trabalhávamos regras e limites através destes jogos.

Havia uma pequena TV e um vídeo, e uma vez por semana passávamos filmes, todos se sentavam a volta da TV, no grande salão. O que sempre nos norteava era a escolha de atividades que não se reportassem a violência, mas sim, a construção de valores saudáveis de participação e colaboração, até na escolha dos filmes tínhamos o cuidado de priorizar temas que trabalhassem com valores, e estivessem presentes a ludicidade e a criatividade.

Na ação pedagógica por mim desenvolvida, várias vezes encontrei-me num verdadeiro dilema entre a proposta da ONG e da mantenedora. A proposta da ONG era assistencialista, não se preocupando em priorizar a construção do conhecimento

e de conceitos fundamentais para essa fase. Sendo assim o processo ensino-aprendizagem ficava comprometido, mas buscava completar, ou suprir as necessidades afetivas da criança no lar. A proposta da mantenedora também era assistencialista e priorizava a formação de valores ético cristãos. Nesse sentido encontrava-me sozinha para desenvolver as questões pedagógicas que a mim competiam segundo as exigências das duas instituições, além das minhas intenções como Pedagoga recém formada e comprometida com aspectos que estiveram ligados a toda a minha trajetória.

Assim, cheia de anseios para a atuação pedagógica, percebia meus esforços se frustrarem, com cobranças e exigências as quais minha formação não condizia.

Ressalta-se que nesse espaço-tempo do projeto sem encontrar pessoas dispostas a discutir esses vários posicionamentos, inclusive os meus próprios. Sendo assim, as intenções da LDB que relacionam a Educação Infantil ao cuidar e educar também deveriam ser observados.

Nesse contexto ressalto a importância do educador ter o seu próprio projeto pedagógico, estar disposto a submetê-lo ao escrutínio crítico o que acontecerá quando a instituição tiver efetivamente um projeto político-pedagógico coletivamente reconstruído.

Como nos fala Cancian (1997).

Constitui o professor um sujeito singular que aprende que se afirma nos seus próprios desejos, na sua capacidade de criar, de inventar e de imaginar. Um sujeito singular porque pensa, age, sente e se automodela para não acabar sendo assujeitado pela escola, pela sociedade.... Só um sujeito que não se deixa modelar consegue lutar por aquilo que acredita, por aquilo que almeja com garra, com vida, com paixão construindo-se sempre. (CANCIAN, 1997, p.23)

No ambiente escolar 'é necessário a reflexão constante para que nossas ações não sejam consequência da circunstância que envolve cada situação, mas que seja resultado da ação reflexiva. Ainda:

Distingui-se, assim, a aprendizagem singularizante no Telos da emancipação humana da aprendizagem constitutiva do sujeito-indivíduo, modelado ou assujeitado aos modos da organização social. (MARQUES, 1996, p.89)

Desta forma, deixar-se guiar pelos próprios ideais, ter uma meta, que afinal é

constituído por toda a sua trajetória, quanto indivíduo e quanto identidade profissional. Esta relação de poder sempre esteve presente em todas as relações, neste caso busquei seguir, mesmo considerando as orientações dos mantenedores, seguir as orientações da minha própria formação, meu próprio projeto quando educadora, a humanização dentro do processo de ensino aprendizagem. Nesse momento é possível verificarmos o confronto com o projeto político-pedagógico da escola. Esse exemplo nos remete a uma crítica ao Gestor no sentido de que havia um descompasso entre o que queria a Organização Não governamental a legislação e o professor, eu quanto professora indivíduo que também tem um projeto, que é caracterizado pela sua história de vida.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sinto claramente que o processo de formação do Educador é contínuo e inacabado. Sempre estamos na condição de aprendizes. Sendo assim, na Universidade construímos nossos saberes curriculares e em nossa trajetória escolar e acadêmica os saberes disciplinares e nesses vários espaços compreendemos os saberes da formação, resta-nos construir cotidianamente, no dia-dia o saber da experiência. Esse saber que vem da prática e articula-se a todos os outros na sua construção.

Reportando-me a minhas experiências percebo que todos os momentos foram importantes, todos geraram e influenciaram a minha prática docente hoje. Todas as relações dentro e fora da escola, pessoais e acadêmicas contribuíram para definir quem sou hoje. Nesse sentido não desconheço as minhas imperfeições e limitações, mas acredito que elas poderão ser superadas com uma prática reflexiva, efetivando-se o profissional que eu busco ser.

Dessa forma acredito que será possível estabelecer uma íntima relação entre teoria e prática que venha a contribuir para a formação de sujeitos autônomos.

Dentro de um processo de educação popular que seja sócio-transformador. Para que a nossa prática de gestores seja democrática, junto às realidades educativas alternativas, possa ser fundamentada na formação de um sujeito crítico frente à realidade, contribua efetivamente na reconstrução do conhecimento sem preservar as estruturas sociais intocáveis da forma como se apresentam.

Esse processo poderá efetivar-se através da participação de todos, vivenciando desde a infância outras relações com a autoridade, o que, conseqüentemente, possibilitará a reconstrução do conceito de cidadania que persiste em manter-se. Nesse sentido o projeto político-pedagógico estará sendo reconstruído e outras relações estarão sendo efetivadas, sendo assim, estar-se-á contribuindo para a formação de cidadãos críticos, sensíveis, conscientes, criativos, respeitadores e que tenham capacidade de adaptar-se às diversas situações da vida interagindo com elas.

No contexto da pesquisa ora analisada, entendo que como gestora, desta realidade diferenciada, contribui para ultrapassar a função do professor de sala de aula que quando chega a uma realidade que não lhe agrada, que não se adequa

aos seus ideais se frustra, torna-se um profissional displicente, amargurado... Nesse sentido, busquei assumir, em minha prática, um caráter pedagógico, político e cultural, contribuindo assim para que a escola pudesse realmente promover a transformação social, ou seja, modificar as relações de poder em todas as instâncias sociais.

Percebo também a importância que teve, para minha formação acadêmica, o fato de ter ingressado em uma Instituição pública e gratuita. Nessa instituição além de outras experiências participei do Projeto da Escola Itinerante, um espaço de comprometimento frente às realidades menos favorecidas pelo sistema capitalista vigente, onde se encontram professores preocupados e comprometidos com a integral formação dos seus alunos.

Este trabalho representa um momento de profunda reflexão em que posso perceber o quanto rica foi minha experiência não só junto ao projeto da Escola Itinerante, mas junto ao projeto Alternativo de Educação Infantil e o quanto isto se reflete na minha formação profissional, na minha docência.

Trago comigo as marcas dos que por mim passaram. Como já dizia um velho amigo da adolescência, sou um pouco de tudo o que vivi e sei que este processo se encontra inacabado. Quero sempre acreditar nisto, porque se deixar de crer nesta possibilidade, correrei o risco de estagnar-me nos aspectos profissional e pessoal. Acredito que se desprezar alguns desses aspectos, estarei deixando de construir-me profissionalmente, no entanto, quero que meus futuros alunos não deixem de crescer comigo e eu crescer com cada criança e com cada situação desafio.

No curso de Gestão foi possível perceber o processo de ensino, como algo maior, que não se restringe apenas ao trabalho de sala de aula, abrangendo cada sujeito dentro do espaço escolar e fora dele. Ainda compreendi que para que realmente se efetive uma educação sócio-transformadora, há a necessidade da participação de todos, ou seja, alunos, professores, funcionários, comunidade, governo, portanto, todos estão, de alguma forma, relacionados com o processo educativo.

Diante das experiências anteriormente relatadas analiso que ter vivenciado, nestes espaços educativos, fizeram-me perceber que é possível construir o máximo dentro de possibilidades econômicas e materiais mínimas. Nesse sentido, é importante frisar que em todas as realidades encontrei com pessoas (voluntários, educadores...) comprometidos com a infância, com sua emancipação através da

educação. Nesse contexto muito aprendi com cada uma dessas pessoas que de forma singular e anônima contribuíram com a minha formação.

Hoje percebo que páginas foram escritas, e que neste processo de relato e análise pude me auto-avaliar, refletir em torno do caminho percorrido, e quão rico foi este processo. Assim, desde os encontros com a orientadora, suas contribuições, os momentos em que sozinha recorria a memória traduzindo as imagens do que havia passado, mas que continua presente refletindo-se no comportamento e no dia-dia da minha docência.

Porque seria importante uma gestora que atuou na educação infantil percorrer todo este caminho (capítulos apresentados na monografia) Sabe-se pelas leituras que não é só a academia que forma o professor, são todas as relações que ele teve antes da sua formação acadêmica. Na sala e ele irá refletir muito essa formação. Na universidade acabam encontrando alguns caminhos, pensamentos, autores, teóricos, mas a formação profissional do professor se dá anteriormente a isso.

No trabalho ora apresentado entendi ser importante o fato de enquanto gestora, tivesse conhecimento da minha historicidade porque ao analisá-la nos apropriarmos dela, retomando-a através da ação reflexiva. É fundamental avaliarmos o nosso trabalho para o nosso crescimento, além de compreender a origem das nossas ações, apropriando-se desse conhecimento que não é mais senso comum, mas uma ação reflexiva.

Além disso, é fundamental que o gestor de escola e o de sala de aula tenham conhecimento dos saberes docentes porque eles formarão o conhecimento do professor. Ainda, é importante o gestor saber a respeito dos fatores de risco, pois precisa ter conhecimento para atuar em realidades alternativas.

Assim, conhecer a realidade da criança que ele trabalha, indiferente se na periferia ou no centro da cidade é importante para compreender o seu comportamento sabendo agir nas diferentes realidades.

Atualmente, professora de uma escola Municipal de Ensino Fundamental, como educadora infantil, vejo que meu caminho, minha formação revelam-se nas palavras e ações por mim articuladas. Sinto-me comprometida a contribuir, não só dentro da sala de aula, mas nas reuniões pedagógicas, na construção do Projeto Político Pedagógico, procurando auxiliar, pois percebo que quando se compartilha, há um crescimento mútuo, porque quem auxilia o outro a crescer, primeiramente acrescenta algo de melhor em si.

Nesse contexto entendo que a construção da minha profissionalidade está diretamente vinculada ao meu jeito, às escolhas feitas e as posturas tanto individuais quanto coletivas que vivenciei. Refere-se ao modo de ser que tenho alimentado durante a minha vida, portanto, já existia mesmo antes do espaço acadêmico. No entanto, no espaço acadêmico identifiquei-me com teorias através do contato com vários autores estudados, e dos projetos aos quais me vinculei. Assim os valores que trazia encontraram eco dentro do espaço acadêmico contribuindo desta forma para a formação.

Ao findar esse trabalho de pesquisa, muitas questões permanecem me instigando, entre elas: que formação é a dos pedagogos que têm dificuldade em lidar com as diversidades, principalmente materiais, geralmente encontradas em comunidades populares? Será que é compromisso somente da Universidade dar conta dessa formação transformadora ou outras instituições também deveriam aliar-se a esse processo?

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Teimo. **Contribuições da Escola na Luta pela Cidadania**. In: **Educação e Classes Populares**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

ANAUT, Marie. **A resiliência – ultrapassar os traumatismos**. 1ed. Lisboa: Editions NATHAN/UNIVERSITÉ, 2002.

BENINCÁ, Elli. A memória como elemento educativo. In: TEDESCO, João Carlos (org.). **Usos de memória** (política, educação e identidade). Passo Fundo: Ed. da UPF, 2002.

_____. CAIMI Flávia Heloisa(org). **Formação de professores: um diálogo entre teoria e a prática**. Passo Fundo: Ed.da UPF, 2002

CANCIAN, Viviane Ache. **O processo de aprendizagem do professor à luz da racionalidade comunicativa**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1997.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 3ed., São Paulo: Cortez, 1998.

DAL MOLIN, Ana Paula Barrozo Stefano. **Histórias de Vidas de três professoras do ensino fundamental atravessadas por interações corporais: que saberes e que fazeres?**. 2007. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006

DEMO, Pedro. **Solidariedade como efeito de poder**. São Paulo, Ed. Cortez, 2002.

_____. **Charme da exclusão social**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1998.

FÉLIX, Loiva Otero. Política, memória e esquecimento. In: TEDESCO, João Carlos (org.). **Usos de memória** (política educação e identidade). Passo Fundo: Ed. da UFP, 2002.

FERREIRA , Naura S. Carapeto (org.). **Gestão da Educação: impasses, perspectivas e compromissos**. 3.ed São Paulo, Ed. Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa**. 13 ed., São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1975.

GUTFREIND, Celso. **O Terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

JOBIM, Letícia Mossate. **A Contribuição de um espaço não-formal de ensino na formação da cidadania infanto-juvenil: um estudo de caso no município de Restinga Seca-RS**, 2007. 67f. Monografia (especialização-Universidade Federal de

Santa Maria, Centro de Educação, curso de Pós-Graduação em Gestão Educacional) Santa Maria, 2007.

LACERDA, Lílian Maria de. Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica. In: MIGNOT, A.C.BASTOS, M.H.C.;CUNHA, M.T.S. **Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica.** Florianópolis: Mulheres, 2000.

LANS, Rudolf. **A Pedagogia Waldorf** um caminho para um ensino mais humano.São Paulo ; Summus, 1979.

MARQUES, Mario Osório. **A formação do profissional da Educação.** Egeu : Ijuí,Ed.UNIJUÍ, 1996.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 6 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

OLIVEIRA, V. PERES, L.M.V. Imagens e imaginários: a dimensão simbólica do vivido e do pensado na formação de professores. In: **CADERNOS DE EDUCAÇÃO.** Pelotas: Ed.da UFPEL, n. 18, p.153-170, jan./jun.2002.

OLIVEIRA, Valeska Fortes. **Narrativas e saberes docentes.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.
PIMENTA, Selma Garrido(org). Formação de Professores: identidade e saberes da docência. In: ____ (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente.** 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002, p.15-34.

RIO GRANDE DO SUL, Secretaria da Educação. **Projeto Político-Pedagógico das Escolas Itinerantes do Estado do Rio Grande do Sul,** Porto Alegre, s/data.

TARDIF, MAURICE. **Saberes docentes e formação profissional.** 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TARDIF, M, LESSARD, C. & LAHAYE, L. **Os professores face ao saber; esboço de uma problemática do saber docente.**In. *Revista Teoria e Educação.* Porto Alegre, n.4, 1991, p.215-231.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS. **Projeto Integrado de Trabalho com Professores e Alunos das Escolas Itinerantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.** Santa Maria, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS. **Projeto Integrado de Trabalho com Professores e Alunos das Escolas Itinerantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.** Santa Maria, 2005.